



Universidade de Brasília
Departamento de Teoria Literária e Literaturas

MARIA CAROLINA NAVES RIOS

**“Somos só crianças crescidas”: O encontro do *outro*
no *eu* pelo olhar de Alice através do Espelho**

ORIENTADOR DR. AUGUSTO R. DA SILVA JUNIOR

Brasília

2018

MARIA CAROLINA NAVES RIOS

**“Somos só crianças crescidas”: O encontro do *outro* no *eu*
pelo olhar de Alice através do Espelho**

Trabalho de conclusão do curso de
Letras – Português e respectiva
Literatura, como parte dos requisitos
necessários à obtenção de título de
graduada.

Orientador: Prof. Dr. Augusto
Rodrigues da Silva Junior

Brasília
2018

RESUMO

O objetivo deste trabalho é estabelecer o vínculo entre a metáfora do espelho e o jogo de xadrez na construção da personagem Alice, da obra infanto-juvenil *Alice através do Espelho*, escrita por Lewis Carroll. “Somos só crianças crescidas”, afirma o autor em um poema do livro do Espelho. Com o reconhecimento da infância como uma fase singular do desenvolvimento humano, não mais se afirma que crianças são pequenos adultos. Tal afirmação nega que exista, nesta fase, particularidades que diferem da fase adulta. Alice, ao atravessar o espelho, inserida em um mundo alterado, consegue enxergar os reflexos antes escondidos. O papel do *outro* na construção de sua jornada é vital para a compreensão de si mesma.

Palavras-chave: metáfora, inversão, alteridade, Alice através do Espelho, inconsciente, eu/outro, infância

INTRODUÇÃO

A escrita e a produção literária pensadas exclusivamente para crianças é recente, viabilizada, majoritariamente, pelos estudos pedagógicos, psicológicos e neurológicos sobre a infância. A partir da consolidação da psicologia como ciência, em meados do século XIX, e pelos estudos psicanalíticos de Freud, essa fase do desenvolvimento humano ganhou destaque, tanto para que se tentasse desvendar as particularidades das fases da infância nela mesma, quanto para que o adulto refletisse sobre sua subjetividade, sobre “a criança que habita no adulto”, com o objetivo de se revelar traumas, medos, sonhos.

A leitura infantil, esta que é pensada exclusivamente para crianças, é deveras nova, pois o conceito de infância é recente. De acordo com Salem (1970, p. 3), uma das primeiras formas de leitura infantil no Ocidente se deu de modo espontâneo e intuitivo por necessidade, em 1697, na França, por Jean Baptiste de La Salle, que escreveu cartilhas, livros elementares e catecismos, com o objetivo de facilitar o ensino cristão às crianças¹. Porém, somente depois surgira uma literatura com intenção de fornecer uma leitura que fosse apropriada para essa fase do

¹ SALEM, 1970, p.23

desenvolvimento humano, levando em consideração os aspectos da sua evolução mental e emocional².

Atualmente, há um grande número de obras que foram escritas com o objetivo de atender às individualidades e características específicas da fase da infância, como também adaptações de obras que não foram originalmente produzidas com esse intuito. Em ambos os casos, a ampliação da escrita pensada exclusivamente para crianças, em um contexto de mundo Ocidental, se tornou possível com o surgimento da psicologia e da pedagogia, com as teorias educacionais que focam na infância, considerando as crianças em si mesmas, e não como “adultos imperfeitos”, ou “pequenos adultos”, como se julgava na Idade Média.

Essas teorias expõem o modo que consideram ser mais eficaz para a aprendizagem, respeitando, ou não, as capacidades, as experiências, a individualidade e o desenvolvimento da criança. A produção literária infantil está ligada diretamente com o conceito de infância, que varia de acordo com a cultura, sociedade e história. As mudanças econômicas, políticas e sociais refletem diretamente na organização das famílias e das práticas educacionais e de aprendizagem. Nos séculos XVI e XVII a aprendizagem das crianças ocorria predominantemente pela observação das atividades dos adultos (BARBOSA, 2012, p.130). A partir de meados do século XVIII até o começo do século XIX, com o Iluminismo, as preocupações com a infância se acentuaram e o foco era transformar as crianças em indivíduos racionais:

Os iluministas inauguram, de um lado, o racionalismo contemporâneo que confere à ciência uma importância até aí desconhecida por ela; de outro, uma ideologia da leitura baseada na crença de que a educação, a que se tem acesso pela aquisição do saber acumulado em livros, é a condição primeira de uma bem-sucedida escalada social. Desta maneira, o ingresso do indivíduo na vida comunitária coincide com o momento em que ele começa a frequentar a escola e aprender a ler. Ensino e leitura são atividades que, também sob esse aspecto, se confundem, constituindo-se, desde então, no fundamento do processo de socialização do indivíduo. (ZILBERMAN, 1988, p. 17)

Até o começo do século XIX as obras infantis tinham, no contexto da cultura do Ocidente, em sua grande maioria, um forte objetivo de conservar os costumes, catequizar, doutrinar e educar com a finalidade de fixar a moral, fazendo com que a criança internalizasse regras, assimilando valores do mundo adulto ligados aos

² SALEM, 1970, p. 19

interesses econômicos e sociais que determinavam o caráter ideal da época, sem enfatizar os interesses das crianças e suas individualidades, contendo uma feição moral e didática.

Foi a partir da segunda metade do século XIX, na Europa, com a mudança para uma sociedade industrial, com a responsabilidade das aprendizagens formais serem da instituição escolar e o lugar da afeição, responsabilidade da instituição familiar (BARBOSA, 2012, p. 130), que começou a surgir uma literatura infantil com o objetivo de provocar nas crianças o interesse intrínseco da leitura, de modo recreativo, sem ser necessariamente didático. A infância se torna reconhecida e, conseqüentemente, valorizada, e a criança passa a ser objeto de maiores cuidados, “tanto pelo papel potencial que desempenha no mercado consumidor, quanto porque sua sadia formação intelectual e afetiva passa a ser uma das preocupações centrais da sociedade de maneira geral, da família e da escola em particular” (ZILBERMAN, 1988, p. 16). De acordo com Zilberman:

Para criança, (...) a conquista da habilidade de ler significa simultaneamente a possibilidade de se introduzir no mundo adulto, do qual até então estava excluída, a alfabetização assume o status de um ritual de iniciação (...) (ZILBERMAN, 1988, p. 19).

Com grandes influências diretas da tradição oral, isto é, do folclore, das narrativas populares, das cantigas e dos mitos, que passaram e passam pelas gerações, que a primeira fase da literatura infantil, com os “contos de fadas” pensados, escritos e adaptados para crianças, surge. A fantasia, o irreal, o faz de conta e o maravilhoso adentraram nesta primeira fase, pelo seu caráter onírico, que tanto fascina os pequenos leitores, e que hoje são considerados *clássicos* deste segmento.

Neste contexto, a obra *Alice no País das Maravilhas*, amplamente conhecida, se tornou um desses clássicos contos maravilhosos da literatura infantil. Lida, relida e traduzida em várias línguas, fora escrita pelo inglês e professor de matemática Lewis Carroll, pseudônimo de Charles Lutwidge Dodgson. A narrativa, pensada para o público infantil, surgiu na oralidade, enquanto seu autor contava a história em uma viagem de barco, para três crianças e, posteriormente, fora passada para o papel a pedido de uma das meninas, Alice Lidell. Por ter sido contada oralmente, contém referências da cultura popular de sua época, como cantigas e poemas infantis, que são onze ao total. A maioria deles são paródias de poemas ou canções populares

bastante conhecidas dos contemporâneos de Carroll³. O humor é bastante marcado por essas paródias, sarcasmos e piadas, características centrais das obras do inglês.

Além do consagrado *Alice no País das Maravilhas*, também escreveu *Através do espelho e o que Alice encontrou por lá*, aventura subsequente da mesma protagonista do País das Maravilhas. Sobre a primeira narrativa, Alice:

Ela cresce, bem como decresce e se descompromete de roteiros fabulares classicamente apresentados a crianças. As tarefas que a menina tem de enfrentar significam, mas significam nelas mesmas – autônomas, delirantes e divertidas (para o leitor). Como nos sonhos, também não há assunção de compromisso com enredos ou tramas de sentido histórico. Por outro lado, Alice, ao vir de outro mundo, desafia o tempo cronológico do Coelho, a etiqueta aristocrática do Chapeleiro Maluco, os poderes instituídos pela dinastia de Copas. A narrativa faz dela uma revolucionária, sonhadora e louca, delirante sem tamanho. Tudo isso reverberando na sua capacidade argumentativa, imaginativa e conivente com os jogos apresentados pela loucura, aparentemente nonsense, de toda a obra. (SILVA JUNIOR e CARVALHO, 2015, p. 33).

Na jornada da menina, que se inicia no *País das Maravilhas*, o leitor já se depara com os desafios enfrentados pela pequena, com os diálogos fantásticos e a capacidade imaginativa extraordinária, que permanecem na narrativa de *Através do espelho*. Neste, também mergulhamos em um mundo de fantasia e sonho da pequena Alice, uma menina de “exatamente sete anos e meio” (CARROLL, 2013, p. 165). Nossa pequena heroína, em tua jovem vida, com seus olhos sonhadores⁴, é capaz de alcançar uma imaginação tão pura, própria da fase da infância, que o sonho se mistura ao plano da realidade. Alice, a “criança da frente pura e límpida”⁵, o peão branco da jornada de sua própria aventura, vai jogar e vencer em onze lances. Assim é exposto, antes da aventura começar a ser narrada, um presságio do que está por vir.

A casa do Espelho

O livro começa com uma imagem de um tabuleiro de xadrez, com algumas peças dispostas sob ele. Alice é o peão branco no jogo. Abaixo dessa imagem estão

³ CARROLL, 2002, p. 22

⁴ CARROLL, 2013, p. 113

⁵ CARROLL, 2013, p. 113

enumerados 11 lances do jogo de xadrez, que dizem respeito às ações de Alice e dos personagens ao longo da narrativa. Acima da imagem do jogo de xadrez está escrito: "O peão Branco (Alice) vai jogar e vencer em onze lances". Antes da narrativa começar já está explícito o objetivo de Alice, e que ela irá conquistá-lo, vencer significa se tornar rainha neste mundo fantasioso.

O espelho, que permeia toda a narrativa, tem função de conduzir a lógica minuciosamente escolhida pelo escritor da obra. Apesar disso, de acordo com Gardner, nas notas de comentário do livro *Alice: Aventuras de Alice no País das Maravilhas & Através do Espelho* (2013)⁶, o espelho foi inserido tardiamente à história, quando uma prima distante do autor, também chamada Alice, sugeriu o tema. Ela conta ao jornal britânico *Times* em 1932:

Quando crianças [...] íamos sempre brincar no jardim atrás das casas. Charles Dodgson costumava ficar lá com um velho tio [...]. Um dia, ouvindo meu nome, chamou-me e disse: "[...] Gostaria de vir comigo e ver uma coisa muito intrigante?" Nós o acompanhamos até sua casa, que dava, como a nossa, para o jardim, entrando num cômodo atulhado de móveis e com um espelho alto de viés num canto. "Agora", disse ele, dando-me uma laranja, "primeiro me diga em que mão está segurando essa fruta". "A direita", eu disse. "Agora", ele continuou, "ponha-se diante do espelho e me diga com que mão a menina que você vê lá a está segurando." Após alguma contemplação perplexa, eu disse: "A mão esquerda." "Exatamente", disse ele, "e como você explica isso?" Não sabia explicar aquilo, mas vendo que alguma solução era esperada, arrisquei: "Se eu estivesse do *outro* lado do espelho, a laranja não continuaria a estar na mão direita?" (CARROLL, 2013, p. 307)

Alice jogava xadrez sozinha e, já sonolenta, conversava com suas gatas, respondendo por elas. O jogo de xadrez foi o que determinou o começo de seu faz de conta. "Vamos fazer de conta que somos reis e rainhas" (CARROLL, 2013, p. 118), disse. Enquanto pensava em seu jogo de xadrez, a menina segura a gata de nome *Kitty* em frente ao espelho e, olhando para ele, o atravessa. Mas o que esses símbolos revelam e como eles são importantes para a construção de seu personagem?

A menina encontra-se entediada, observando sua gata Dinah dar banho na gatinha branca, enquanto a gatinha preta bagunçava com um novelo de lã. Sentada

⁶ CARROLL, 2013, p. 307

em uma poltrona, conversava sozinha e falava com a gatinha preta que, no mundo real, não respondia. Em um desses monólogos, diz que irá contar à gatinha todas as suas ideias sobre a Casa do Espelho:

“Primeiro, há a sala que você pode ver através do espelho, só que as coisas trocam de lado. Posso ver a sala toda quando subo numa cadeira... fora o pedacinho atrás da lareira. Oh! Gostaria tanto de poder ver esse pedacinho! [...] Agora, os livros são mais ou menos como os nossos, só que as palavras estão ao contrário; sei porque segurei um de nossos livros diante do espelho e eles seguraram um na outra sala.” (CARROLL, 2013, p. 119)

Sonhava em atravessar o espelho e descobrir o que havia do outro lado. Imaginando que ficaria macio, ele começa a se desfazer “como se fosse uma névoa prateada e luminosa” (CARROLL, p. 139). Ao atravessar o espelho, Alice consegue enxergar o que antes estava escondido. Tudo o que não era visível aos seus olhos é revelado. Ela, que antes eram duas, ela mesma e seu reflexo, fundem-se em uma só. Com isso, o que estava na camada inconsciente do seu ser, vem à tona no desenrolar de sua jornada através do espelho. Neste momento, começa a grande fantasia de Alice. Ela está na sala da Casa do Espelho. Ao explorar a sala, ela avista peças de xadrez jogadas no chão que, de repente, começam a andar e conversam entre si.

Alice se desloca ao Jardim do mundo do espelho, onde encontra margaridas, um Lírio-tigre, uma rosa e uma violeta, com quem conversa. Quando a menina tenta mover-se a algum lugar, nunca consegue, sempre volta bruscamente para a frente da porta da sala da Casa do Espelho, movimento que se refere aos movimentos bruscos das peças dos jogos de xadrez. Até que a garota tem uma ideia: andar na direção oposta de onde queria chegar. “Óbvio alusão ao fato de que as direções para frente e para trás são invertidas por um espelho. Quando se caminha em direção a um espelho, a imagem se move na direção oposta.” (CARROLL, p.153). A noção de tempo que Alice experiêcia é totalmente diferente do tempo físico.

Ao longo da obra *Através do Espelho*, são vários os símbolos que remetem à imagens duplicadas. Os mais evidentes são o tabuleiro de xadrez, que é espelhado, e o espelho da sala, onde Alice atravessa para chegar na Casa do Espelho. As ações da narrativa estão ligadas às regras do jogo de tabuleiro. Alice, em uma de suas

ações, pega o Rei e, ao soltá-lo, ele tomba de costas. Em um jogo de xadrez, constantemente, quando um jogador perde, para marcar a derrota, o rei é deitado.

No jogo de xadrez, quem perde frequentemente assinala a derrota deitando o seu rei de costas. Como logo ficamos sabendo, esse é um momento de horror para o rei, que logo perde a consciência, como uma pessoa morta em combate. A sugestão da rainha quanto a um registro do evento sugere a prática de jogadores de anotar movimentos de um jogo de xadrez para não os esquecer. (CARROLL, 2013, p. 311)

A própria menina, em um diálogo com a Rainha Branca, diz que tem sete anos e meio. A metáfora do espelho dialoga com o que Carroll entendia por metáfora da vida:

As obras fabulares do escritor inglês Lewis Carroll (Reverendo Charles Lutwidge Dodgson - 1832-1898) têm suscitado uma diversidade de modos, meios e maneiras de ler as correspondências lógicas da narrativa ficcional com as regras invertidas do jogo, o que o escritor entendia como uma "metáfora da vida". Em seu livro inicial, *As aventuras de Alice no País das Maravilhas* (1865), Carroll exercita uma certa lógica de sentido, dando um lugar de destaque à palavra do interlocutor no discurso, consonante ao plano da expressão na leitura do mundo às avessas, continuado em seu segundo livro, *Alice através do Espelho* (1872). (PALO, 2014, p. 123)

A partir de sua epifania, continua a jornada até se tornar rainha, encontrando-se com os mais variados personagens: Tweedledum e Tweedledee (irmãos gêmeos que são a imagem espelhada um do outro), Humpty Dumpty (um ovo gigante falante), uma corça, uma ovelha e um sapo. Ao fim desta jornada, na cena do banquete, capítulo nove, quando Alice já é rainha e se encontra sentada no meio das Rainhas Branca e Vermelha, tudo muda de repente, quando uma delas dá um sinal de que alguma coisa acontecerá. O caráter onírico está impresso em toda a narrativa, e esta cena não é exceção. A rainha Vermelha fica do tamanho de uma peça de xadrez e Alice, furiosa, pois acredita que o transtorno do banquete foi culpa da rainha vermelha, agarra-a e diz "vou sacudi-la até que vire uma gatinha, ah, se vou!" (p.257) Na versão comentada do livro, há uma importante nota sobre esta ação:

Essa é a captura da Rainha Vermelha por Alice. Resulta num xeque-mate legítimo ao Rei Vermelho, que dormiu durante toda a partida de xadrez sem se mover. A vitória de Alice confere uma tênue moral à história, pois as peças brancas são personagens bons e gentis em contraste com os temperamentos impetuosos e vingativos das peças vermelhas. O xeque-mate encerra o sonho, mas deixa aberta a questão: de quem era o sonho, de Alice ou do Rei Vermelho? (CARROLL, 2002, p.257 nota 16)

Espelho como uma metáfora

A próxima personagem com quem encontra depois de passar pelo Jardim das Flores Vivas é a Rainha Vermelha, e vão juntas para o alto de um morro. A menininha olha a região e percebe que o terreno é demarcado “exatamente como um grande tabuleiro de xadrez”⁷ e diz: “É uma partida de xadrez fabulosa que está sendo jogada... no mundo todo... se é que isso é o mundo.” Encantada com o fato, almeja ser uma das peças do xadrez desse “mundo”: “Não me importaria de ser um Peão, contanto que pudesse participar... se bem que, é claro, preferia ser uma Rainha”. Esta é uma evidência de que o jogo de xadrez funciona como uma metáfora para sua própria vida, suas escolhas influenciam os avanços pelo tabuleiro de xadrez.

A travessia ao espelho nos revela uma forte imagem simbólica: o começo da jornada da menina ao seu inconsciente, que se revela em seu sonho. O inconsciente pode ser entendido como a voz do outro em nós⁸, aquilo que está em nós mas é inacessível na camada consciente, se encontra em uma camada mais funda do ser. A humanidade, de acordo com Jung (2016, p. 21), produz símbolos de forma inconsciente e espontânea na forma de sonhos. Logo, para acessar uma parte do eu, seria importante recorrer aos sonhos e seus símbolos linguísticos. Para Jung (2016), abaixo da consciência está o inconsciente pessoal, que pode ser acessado por meio dos sonhos, e que contém as lembranças, os impulsos, os desejos, as percepções indistintas e outras experiências da vida do indivíduo suprimidas ou esquecidas⁹.

Há, ainda, certos acontecimentos de que não tomamos consciência. Permanecem, por assim dizer, abaixo do limiar da consciência. Aconteceram, mas foram absorvidos subliminarmente, sem nosso conhecimento consciente. Só podemos percebê-los nalgum momento de intuição ou por um processo de intensa reflexão que nos leve à subsequente realização de que *devem* ter acontecido. E apesar de termos ignorado originalmente a sua importância emocional e vital, mais tarde brotam do inconsciente como uma espécie de segundo pensamento. Este segundo pensamento pode aparecer, por exemplo, na forma de um sonho. Geralmente, o aspecto inconsciente de um acontecimento nos é revelado através de sonhos, onde se manifesta não como um pensamento racional, mas como uma imagem simbólica. (JUNG, 2016, p.23)

⁷ CARROLL, 2013, p. 132

⁸ SILVA JUNIOR, 2015, p. 37

⁹ SCHULTZ & SCHULTZ, p. 325

As dimensões de espaço e tempo são diferentes nos sonhos, pois não têm início, meio e fim, como nas histórias narradas pelo nosso espírito consciente¹⁰. O que seriam então os sonhos senão um diálogo com nosso inconsciente? Esses diálogos da menina com seu próprio eu, neste mundo alterado, onde tudo é o contrário da realidade que conhecemos, é significativo, pois abarca discursos que ligam sujeitos, resultando no conhecimento do eu. É a necessidade do outro para se perceber, para ter consciência do próprio ser, como diz Bakhtin, “é ainda em nós mesmos que somos menos aptos para perceber o todo da nossa pessoa.” (1997, p. 26).

O reflexo da sala, para ela, significa toda uma outra realidade, um mundo alterado, onde tudo troca de lado, assim como o tabuleiro de xadrez, que é especulado. Ela observa sua própria imagem e analisa tudo que há a sua volta. A sua imagem concreta, refletida e especulada simboliza dois mundos que se olham, que ocupam posições diferentes. Ela e o seu reflexo ocupam lugares distintos no mundo, e por isso dispõem de uma visão que a outra não possui, que lhe é inacessível:

Quando contemplo um homem situado fora de mim e á minha frente, nossos horizontes concretos, tais como são efetivamente vividos por nós dois, não coincidem. Por mais perto de mim que possa estar esse outro, sempre verei e saberei algo que ele próprio, na posição que ocupa, e que o situa fora de mim e à minha frente, não pode ver: as partes de seu corpo inacessíveis ao seu próprio olhar – a cabeça, o rosto, a expressão do rosto -, o mundo ao qual ele dá as costas, toda uma série de objetos e de relações que, em função da respectiva relação em que podemos situar-nos, são acessíveis a mim e inacessíveis a ele. Quando estamos nos olhando, dois mundos diferentes se refletem na pupila dos nossos olhos. Graças a posições apropriadas, é possível reduzir ao mínimo essa diferença dos horizontes, mas para eliminá-la totalmente, seria preciso fundir-se em um, tornar-se um único homem. (BAKHTIN, 1997, p.43)

Alice, para conseguir uma transformação no jogo e sair de peão para rainha, precisou dialogar com seu inconsciente, representado simbolicamente pelo reflexo do espelho. Alice é, em sua totalidade, um pouco de cada personagem que encontra do outro lado do espelho. Nossa pequena protagonista imerge totalmente no lugar do outro, um lugar que causa desconforto e estranhamento, uma relação eu/outro que é também a relação leitor/literatura. Alice, ao mesmo tempo que parece que perde-se de si mesma, indo em direções contrárias, posto que está em um jogo de xadrez

¹⁰ JUNG, 1998, p. 24

dentro de um espelho, ela encara seu reflexo, seu inconsciente, o que não está acessível no nível da consciência, senão em um sonho ou em uma narrativa exterior ao seu ser.

Com a literatura, pensamos com as palavras do outro, sentimos com as imagens do outro, adentramos mundos com as regras de um outro, e seguimos experimentando a ausência do eu, cedendo o lugar para que outros sejam narradores de mundos e do nosso próprio mundo, nos deixando levar pela experiência de não ser: de fato, vamos reiterando a ideia de que o literário é um aprendizado do morrer, uma dose homeopática (pharmakós) do enlouquecer, de se perder de si. (SILVA JUNIOR e CARVALHO, 2015, p. 36).

Podemos relacionar o que não é visível no mundo real de Alice se tornando visível no seu mundo fantasioso com o conceito de Bakhtin sobre o excedente de visão, ou seja, algo de nós que não conseguimos enxergar, mas o outro consegue. “[...] quando me olho no espelho, em meus olhos olham olhos alheios; quando me olho no espelho não vejo o mundo com meus próprios olhos e desde o meu interior; vejo a mim mesmo com os olhos do mundo – estou possuído pelo outro” (BAKHTIN, 1997, p. 366). O espelho na narrativa funciona como uma metáfora para o olhar a si mesma e reconhecer o outro, o que antes estava escondido se torna visível.

Considerações finais

A menina, no País das Maravilhas, sofre alterações físicas de tamanho: Alice cresce, muda de tamanho, mas isso não significa que haja um amadurecimento completo ou um encadeamento individualista (SILVA JUNIOR e CARVALHO, 2015, p. 33). Entretanto, na narrativa do espelho, apesar da menina não sofrer alterações de tamanho, ao longo do jogo de xadrez e na caminhada para tomar a Rainha Vermelha e vencer, percebemos o início de um amadurecimento.

A questão do espelho na narrativa é central. No xadrez, em que a narração é baseada, o tabuleiro, onde se encontram as peças de um jogador, é a imagem especulada das peças do outro jogador. No mundo do espelho, onde o xadrez funciona como um jogo da vida, tudo é ao contrário, é o inverso da realidade, as direções são invertidas. No segundo capítulo do livro, Alice quer ir ao encontro da

Rainha Vermelha, mas sempre que vai em sua direção, acaba perdendo-a de vista e voltando para onde tinha saído. Uma personagem, a Rosa, aconselha que ela vá ao contrário, ou seja, caminhar na direção oposta. "Sucesso total" (CARROLL, p.153). Nas palavras de Lewis Carroll: "As atordoantes mudanças de tamanho que Alice experimenta no primeiro livro são substituídas por mudanças igualmente atordoantes de lugar, ocasionadas, é claro, pelos movimentos das peças de xadrez pelo tabuleiro".

As inversões possibilitadas pelas imagens especuladas do espelho são evidenciadas em toda a obra, com várias referências de conceitos opostos e direções invertidas. Direita-esquerda, frente-trás, quando a Rosa aconselha Alice a ir ao contrário para ir ao encontro da Rainha Vermelha, "o bolo do espelho é primeiro servido, depois partido", os personagens *Tweedledum* e *Tweedledee*, que são gêmeos especulados, e tantos outros exemplos expostos ao longo da obra.

A narrativa, por se tratar de um sonho, gera muitas especulações e teorias, muitas delas psicanalíticas. Apesar das ações e falas algumas vezes parecerem totalmente aleatórias, tudo possui uma lógica, a lógica do espelho e do jogo de xadrez. As partes da sala que não são visíveis pelo espelho, quando Alice o atravessa consegue enxergá-las, e são extremamente fantasiosas e alteradas: o relógio e o jarro de flores estão sorrindo.

A partir disso, pode-se dizer que a jornada de Alice no Espelho seria seu amadurecimento, o início da jornada ao fim de sua infância, mas que pode ser acessada pelas fantasias presentes nos sonhos:

"Vem ouvir, antes que uma voz inevitável, portadora de amargo presságio Venha chamar para o leito indesejável Uma donzela contristada! Somos só crianças crescidas, querida, Inquietas, até que o sono nos dê guarida."
(CARROLL, 2013, p. 113)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÉS, P. **A história social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

ÁVILA, Myriam. **Da ponta da língua ao bico da pena: o manuscrito de Alice**. São Paulo: Scipione, 2011.

BARBOSA, Tatiana Rodrigues. **Crianças pequenas e consumo: que lugar a escola ocupa?** Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, v. 7, n. 4, p. 129-140, 2012.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

CARROLL, Lewis. **Alice: edição comentada**. Zahar, 2002

CARROLL, Lewis. **Aventuras de Alice no País das Maravilhas e Através do Espelho**. 2.e.d. Rio de Janeiro: Zahar, 2013

CARROLL, Lewis; PELIANO, Adriana; ÁVILA, Myriam. **Aventuras de Alice no subterrâneo**. Scipione, 2011.

CARROLL, Lewis. **The Annotated Alice: The Definitive Edition**. WW Norton & Company, 2000.

CARROLL, Lewis. **Alice's Adventures Underground**. 1862-64. Public Domain

COLLINGWOOD, Stuart Dodgson; CARROLL, Lewis. **The Life and Letters of Lewis Carroll (Rev. CL Dodgson)**. TF Unwin, 1898.

JUNG, Carl G. et al. **O homem e seus símbolos**. HarperCollins Brasil, 2016.

MOSES, Belle. **Lewis Carroll in Wonderland and at Home: The Story of His Life**. D. Appleton, 1910.

PALO, Maria José. **A palavra e o imaginário em Alice através do espelho, de Lewis Carroll**. especial Angela Lago, p. 122, 2014.

SALEM, Nazira. História da literatura infantil. **São Paulo: Mestre Jou**, 1970.

SILVA JUNIOR, A. R.; CARVALHO, M. C. . **Loucura e morte em Alice no País das Maravilhas: alteridade e revolução na escrita de Carrol e no inconsciente freudiano (B2)**. Revista Interfaces (UFRJ), v. II, p. 32-43, 2015

VON FRANZ, Marie-Louise; BOA, Fraser; GAMBINI, Roberto. **O caminho dos sonhos**. São Paulo: Cultrix, 1992.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura**. São Paulo: Contexto, 1988.

ZILBERMAN, Regina. **Introduzindo a literatura infanto-juvenil**. Perspectiva, v. 2, n. 4, p. 98-102, 1985.

